

UMA ETNOGRAFIA VIRTUAL POSSIBILIDADES METODOLÓGICAS DA ESCOLA DE CHICAGO E DO INTERACIONISMO SIMBÓLICO

César Bueno Franco¹⁵

RESUMO

Este artigo propõe uma reflexão metodológica. Apresenta-se um diálogo entre teorias sociológicas do século passado e a pesquisa com mídia digital que o autor vem desenvolvendo. O objetivo é discutir como uma etnografia virtual contemporânea pode ser informada pela Escola de Chicago e pelo Interacionismo Simbólico representados pelas obras "Sociedade de Esquina" e "A representação do eu na vida cotidiana". O argumento principal conduz às possibilidades metodológicas atemporais que essas teorias sociológicas têm, mesmo que para objetos virtuais e etnografias contemporâneas.

Palavras-chave: Etnografia virtual. Escola de Chicago. Interacionismo Simbólico.

ABSTRACT

This paper proposes a methodological reflection. It is presented a dialogue between the sociological theories from the last century and the research about digital media that the author has been developing. The aim is to discuss how a contemporary virtual ethnography can be based by the Chicago School and the Symbolic Interactionism represented by the books "Street Corner Society" and "The Presentation of Self in Everyday Life". The main argument leads to the timeless methodological possibilities that these sociological theories do have, even to virtual objects and contemporary ethnographies.

Keywords: Virtual ethnography. Chicago School. Symbolic Interactionism

INTRODUÇÃO

Quando uma pesquisa sociológica se propõe a estudar objetos especificamente contemporâneos, é comum surgir uma inquietação sobre como é que tal objeto pode ser pensado e desenvolvido com respeito a sua contemporaneidade. É quando as teorias e metodologias, e mesmo epistemologias, já bem sedimentadas nas ciências sociais são postas à prova e então descartadas ou reinventadas em nome das supostas exigências de um objeto contemporâneo

¹⁵ Mestrando e bolsista CAPES pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Paraná. E-mail: csarbf@gmail.com

como se este fosse absolutamente diferente dos objetos não-contemporâneos. Percebi esta inquietação e tendência no meu próprio objeto de pesquisa¹⁶: uma comunidade virtual, existente na internet, na plataforma de um fórum, onde homens se "reúnem" para aprender supostas técnicas e métodos de sedução de mulheres. Por mais que o recorte de gênero - aqui pela masculinidade - seja já apaziguado nas ciências sociais, palavras como virtual e internet tensionam quais métodos e teorias possibilitariam alcançar um conhecimento sociológico válido e rico desses *artistas da sedução* - autodenominação que aqueles homens daquela comunidade adotam -, e em especial, talvez, a tensão exista por ser proposto uma pesquisa qualitativa amplamente sustentada na etnografia, que passa a ser virtual.

O objetivo deste artigo é argumentar pela pertinência que escolas sociológicas surgidas na primeira metade do século passado têm para pesquisas etnográficas atuais e desenvolvidas em mídias digitais. Tomarei como exemplo destas a pesquisa que desenvolvo na referida comunidade virtual dos *artistas da sedução*. Por tais escolas estou entendendo a Escola de Chicago e o Interacionismo Simbólico, e aqui as tomo como em continuidade e logo com relativa unidade. Para balizar a discussão proposta será feita toda uma recuperação do que entendo por Escola de Chicago e Interacionismo Simbólico, e também a recuperação de alguns pontos de duas obras marcantes daquelas escolas, a saber, respectivamente, *Sociedade de Esquina*, de William F. Whyte, e *A representação do eu na vida cotidiana*, de Erving Goffman. Assim, durante o texto, estarei levantando questões de como podemos pensar pesquisas etnográficas atuais e desenvolvidas em mídias digitais (particularmente tomando a minha própria como referência) partindo daquelas escolas e daquelas obras.

O GRANDE GUARDA-CHUVA DA ESCOLA DE CHICAGO

Na intenção de definir e caracterizar a Escola de Chicago é preciso mencionar que tratamos de algo um tanto difuso e impreciso. Afinal, nela nunca houve a intenção de fundamentar uma escola sociológica nem sequer nutriram-se ambições de fundamentar uma teoria social sistemática, ou ainda, nem se quis estabelecer um

¹⁶ Dissertação de mestrado em andamento intitulada *A comunidade virtual dos "artistas da sedução": o trânsito online das identidades masculinas*, enquadrada na linha de pesquisa de Gênero, Corpo, Sexualidade e Saúde.

conjunto metodológico para as investigações sociais (MARTINS, 2013). Assim, como podemos nos referir a algo chamado Escola de Chicago, e a que nos referimos? Uma resposta simples e que me agrada é de tomar por isto aquele "conjunto de trabalhos de pesquisa sociológica realizados, entre 1915 e 1940, por professores e estudantes da Universidade de Chicago."(COULON, 1995, p. 7). E que se não tinham homogeneidade, ao menos é possível sim ver neles uma unidade (COULON, 1995).

A Escola de Chicago marca-se então por ter acompanhado e expresso bem o contexto dos Estados Unidos da América no início do século XX, em particular o da cidade de Chicago. O país vinha passando por uma reforma em seu ensino universitário desde o final do século XIX e isso possibilitou que dentre os novos espaços alguns pudessem ser ocupados pela sociologia, enquanto a cidade parecia canalizar todo o processo de urbanização e imigração norte-americanos (MARTINS, 2013). Em pouco tempo Chicago saiu de um povoado e passou à condição de centro capitalista, cultural, e uma das maiores cidades do país (COULON, 1995). Esse contexto trouxe problemas e questões a serem refletidas, como criminalidade, imigração e pobreza. Frente a eles, a Escola de Chicago desempenharia um papel soberbamente empírico e ativo, acadêmico mas não distante da realidade, revelando não apenas uma orientação à pesquisa ao invés do ensino mas também uma vocação¹⁷ para a reforma social (COULON, 1995; MARTINS, 2013).

Mas o grande reconhecimento da Escola de Chicago é pela sua contribuição para a sociologia qualitativa. Coisas que hoje nos parecem banais, quase inescapáveis numa pesquisa sociológica, podem ser lidas como heranças daquela Escola. Para Coulon (1995), a sua maior e mais clara implicação era o de dar prioridade ao ponto de vista do agente. Ou seja, importa a prática dos indivíduos, as significações que se utilizam, preservar o contexto dos dados, mantê-los na realidade social na qual se expressam. Isso traduzia-se em trabalhos preocupados em colher relatos em primeira pessoa, em dar espaço às histórias de vida, também focados em analisar documentos diversos - como cartas e diários -, e, claro, dispostos a praticar a observação participante, uma grande marca dos trabalhos da

¹⁷ Becker(1996) ressalta que a figura de Albion Small, o responsável por dirigir o departamento de sociologia e antropologia da Universidade de Chicago, era protestante e disso vinha seu interesse pela reforma social. E ele não era o único com origens religiosas. O que reforça que, afinal, a Escola de Chicago e seu famoso compromisso com as questões sociais urbanas tinha uma orientação também moral.

época. Tal orientação metodológica não vinha por capricho. Estava aí o peso da influência que a Escola sofreu por parte de George H. Mead. Ele é quem defendia a atenção ao aspecto simbólico da vida social e assim, para captar este simbolismo, seria preciso um pesquisador que assumisse a perspectiva do agente (COULON, 1995). Mead endossava também a crítica às explicações behavioristas, concebendo então "a mente humana como o produto de um ativo processo de interação social, de tal forma que, em sua visão, os indivíduos percebem o mundo e se situam nele na medida em que se colocam no papel do outro[...]" (MARTINS, 2013, p. 229). Ou seja, era o indivíduo produzindo sentidos a partir da interação, o que convoca o pesquisador a se aproximar o máximo possível dessa condição interacionista - e que como veremos logo mais era já o Interacionismo Simbólico se insinuando.

Resumidamente, temos que a Escola de Chicago "pode ser considerada como o berço de uma grande variedade de abordagens empíricas", sendo a observação participante uma delas, e tendo indubitável marca de uma "sociologia urbana prática" e da inauguração da "indagação sociológica direta junto aos indivíduos", rompendo com a "sociologia especulativa que marcara a época precedente." (COULON, 1995, p.115). E pensando em tais características é que Becker(1996) dirá, o que acredito ter toda razão, que a Escola se tornou algo como um modo de pensar difundido até os dias atuais, ainda influenciando o modo como abordamos nossos objetos.

Já nesta recuperação breve da Escola de Chicago é possível reconhecer uma utilidade sociológica que eu diria ser atemporal. Ao eleger temas urbanos e priorizar os indivíduos, defendendo empiria ao invés da especulação, temos aí um grande guarda-chuva para inúmeras pesquisas atuais, e que se é imperceptível devemos tomar isso como sinal de sua incorporação extrema, já banalizada, e não de sua superação ou inexistência. É, inclusive, um grande guarda-chuva para a pesquisa que proponho e que se desenvolve sobre uma comunidade virtual existente na internet. Ou seja, a abordagem de tal fenômeno como urbano e com determinado contexto, tratando-o empiricamente e com prioridade aos indivíduos, em nada contradiz ou faz esvaziar o legado deixado pela Escola de Chicago. Pelo contrário, o legado se vê reproduzido. Mais ainda, esse legado se vê reforçado com a opção de uma metodologia etnográfica(virtual¹⁸), onde a observação participativa e a coleta de

¹⁸ A discussão metodológica sobre o que seria uma etnografia virtual rende muitas páginas e diversos rótulos mas que muitas vezes pouco se distinguem(AMARAL, 2010). Assim, opto por um

materiais produzidos em primeira pessoa - inclusive histórias de vida - é a maneira com que abordo o campo de pesquisa. Nestes termos, meu estudo sobre a comunidade virtual dos *artistas da sedução* está, assim como tantos outros mais ou menos similares, em conformidade com a perspectiva da Escola - mesmo que seja possível datar seu fim na década de 1940.

SOCIEDADE DE ESQUINA, UM MODELO ETNOGRÁFICO

O que herdamos da Escola de Chicago pode ser visto iconicamente na obra de um autor daquele período. Contudo, é um tanto irônico, senão ousado, sugerir como obra exemplar da Escola de Chicago *Sociedade de Esquina* de William F. Whyte. Afinal, o autor mesmo negou¹⁹ a sua filiação a tal escola, inclusive tendo efetuado a sua pesquisa em Boston e quando então era vinculado à Universidade de Harvard. Contudo, se tomamos as principais características daquela Escola e comparamos com as mais evidentes marcas da obra de Whyte, temos uma semelhança significativa: é um tema urbano, tem o marcador da imigração e da pobreza, dispensa a teorização e privilegia francamente a empiria, e dedica todo seu método a uma profunda e intensa observação participante. Em termos de legendas temos, pois, uma obra muito afinada com a Escola de Chicago. Porém, mais do que exemplificar, o resgate de *Sociedade de Esquina* tem a intenção de ressaltar questões mais específicas que a obra suscita, e que podem ajudar em pesquisas etnográficas com mídias digitais²⁰.

Uma das primeiras afirmações de Whyte em sua obra é a de que é preciso humanizar as pessoas de seu estudo. Seu diagnóstico da forma como Cornerville - bairro que tomou como objeto de estudo - vinha sendo tratado é categórico. "Há algo errado nesse quadro: nele não há seres humanos." (WHYTE, 2005, p. 20). Se referia ao tratamento moralizante, estereotipado e superficial. E como encontrar os seres humanos? "A única maneira de obter esse tipo de conhecimento [íntimo e detalhado]

caminho mais simples e intuitivo: uma etnografia realizada no e pelo computador sobre um objeto que tem existência no virtual.

¹⁹ Negação feita no *Anexo A* da citada obra, em que rebate a possibilidade de ter sido influenciado pela Escola; como argumento, lembra ele com displicência que à época do estudo sequer conhecia os trabalhos da Universidade de Chicago.

²⁰ Adota-se aqui a definição de Miskolci, isto é, mídias digitais como "uma forma de se referir aos meios de comunicação contemporâneos baseados no uso de equipamentos eletrônicos conectados em rede, portanto se referem - ao mesmo tempo - à conexão e ao seu suporte material." (MISKOLCI, 2011, p. 12).

é viver em Cornerville e participar das atividades de sua gente."(Ibid, p. 20). E guiado por esta fé de que a observação e a convivência trarão o conhecimento necessário para a compreensão da vida numa área pobre e degradada, é que Whyte desenvolverá a sua obra.

Sistematicamente a obra divide-se de acordo com a imersão do autor nos grupos de Cornerville e seus clubes sociais. Assim passa pelos rapazes de esquina, depois foca-se nos rapazes formados, então discute as organizações mafiosas, e por fim a dinâmica da política e dos políticos locais. Durante este trajeto todas as marcas metodológicas da Escola de Chicago estão bem presentes; assim temos amplo espaço para a fala em primeira pessoa dos sujeitos de pesquisa, a preocupação com a biografia deles, pormenorizadas descrições e narrações de suas atividades, além, é claro, da subentendida íntima e constante observação participativa. Tudo muito coerente com o que Whyte advogava na introdução da obra.

Nesta pesquisa sobre Cornerville, pouco iremos nos preocupar com as pessoas em geral. Encontraremos pessoas particulares e observaremos as coisas particulares que fazem. O padrão geral de vida é importante, mas só pode ser construído por meio da observação dos indivíduos cujas ações configuram esse padrão. (WHYTE, 2005, p. 23).

O que esta citação anuncia é, por exemplo, a constante reprodução da voz dos sujeitos de pesquisa - o que importa é o que fazem e falam, e não qualquer outra coisa para além disso. Também a utilização da biografia dos indivíduos para ilustrar as mudanças no quadro geral e um movimento maior de mudança social - se o quadro aumenta nem por isso o indivíduo e suas ações se perdem. Ou ainda quando frisa que para entender a disputa pela liderança dos grupos e clubes sociais era preciso compreender as relações pessoais dos envolvidos - é o observar por dentro, ouvindo as pessoas, analisando os indivíduos pelas suas ações. Além de metodologicamente muito claro, o livro de Whyte é de um fôlego etnográfico notável.

Se a Escola de Chicago parecia ter questões, eu disse, atemporais, e que a fazem permanecer viva ainda hoje em várias pesquisas - mesmo se sem os devidos créditos -, com Whyte e seu *Sociedade de Esquina* é semelhante. Esta icônica obra e a sua associação indelével à Escola de Chicago reforçam o que sugiro ser a essência de um trabalho etnográfico: ouvir pessoas, observar suas ações, entender suas histórias, e compreender suas relações. Ou, sintetizando num termo mais poético que o próprio Whyte sugere, encontrar os seres humanos que habitam um

quadro social específico. O que, é claro, supõe o convívio real, intenso e prolongado com esses seres humanos - não um questionário, não uma entrevista com hora para acabar, não uma observação pontual. Outra vez encontramos orientações gerais de uma metodologia etnográfica e hoje tão incorporadas que muitas vezes sequer são tratadas com a preocupação em serem referenciadas teórica ou metodologicamente em trabalhos acadêmicos. E, outra vez, isto tudo, vindo de uma pesquisa feita entre 1936 e 1940, oferece amplos subsídios para estudar uma comunidade virtual tal como é minha proposta. Nela, a coleta de material vindo da observação não encontra dificuldades maiores uma vez que se compreenda aquela comunidade (e a sua existência num site) como o lócus da atividade social - e portanto é ali que posso "ouvir" pessoas, observar o que fazem, entender suas histórias pessoais, e compreender suas relações. O convívio pode não ser "real" no sentido físico, mas ainda assim é real²¹ e, desde que se pondere sobre o significado que as noções de intenso e prolongado adquirem na internet, tal convívio também pode ser intenso e prolongado. Assim procedendo torna-se possível, por exemplo, usar das biografias tal qual Whyte usou: qual é a biografia desses homens que querem ser *artistas da sedução* e como isso se encaixa num quadro maior de mudança social? Ao final, uma etnografia em mídias digitais terá tanta possibilidade de encontrar os humanos daquele quadro social como tem as etnografias que não transcorrem na internet.

Mas se a obra de Whyte foi marcante, seu anexo vindo mais de uma década depois da publicação é ainda mais revelador sobre o quão pertinente é a obra (e seus bastidores) para se pensar qualquer pesquisa etnográfica e em qualquer meio - inclusive no virtual. Neste anexo Whyte problematiza uma questão crucial do trabalho de campo, isto é, o envolvimento que temos com nosso objeto de pesquisa.

Quando o pesquisador está instalado numa universidade, indo ao campo apenas por poucas horas de cada vez, pode manter a sua vida social separada da atividade de campo. Lidar com seus diferentes papéis não é tão complicado. Contudo, se viver por um longo período na comunidade que é seu objeto de estudo, a sua vida pessoal estará inextricavelmente associada à sua pesquisa.(WHYTE, 2005, p. 283).

Neste trecho Whyte pondera basicamente sobre a distância do campo e a intensidade com que o realizamos. Entendo isto como um alerta. Esta, me parece, é uma tensão inevitável desde que a Escola de Chicago iniciou seus avanços pela

²¹ Um número crescente de teóricos que discutem fenômenos situados na internet descartam a visão de haver um mundo real/offline contraposto ao mundo virtual/online, uma vez que são dinâmicas inseparáveis e de mútua influência(TURKLE, 1997; BAYM, 2013).

sociologia qualitativa e privilegiou a perspectiva dos indivíduos; das principais obras desta época e que Coulon(1995) nos traz, como a de Thomas e Znaniecki e seu profundo estudo sobre os poloneses na América, a questão velada sempre foi sobre como se situar em campo quando a proposta de abordagem é tão envolvente e prolongada e quando se entra em contato tão íntimo e próximo com os sujeitos de pesquisa. Nas etnografias atuais que também se pretendem lançar-se ao campo de modo envolvente e prolongado, de modo a obter contatos íntimos e próximos com seus sujeitos, a questão não mudou muito - talvez a única diferença é que hoje é imperdoável que uma questão destas apareça de modo velado tal qual comumente a Escola de Chicago tratava as questões metodológicas. Mas, especificamente nas etnografias virtuais, a questão pode gerar um incômodo: como fica a distância entre pesquisador e pesquisado, e quais as implicações? Afinal, haverá sempre um dispositivo eletrônico entre pesquisador e pesquisado.

O que tenho observado até agora em minha pesquisa é que a distância com o campo *virtual* não é tão grande quanto poderia parecer ou mesmo poderíamos desejar. Num cenário global onde cada vez mais habitamos espaços online com e-mail, redes sociais, *blogs* e tantas outras mídias digitais em que nos expomos de algum modo, o pesquisador terá acesso à vida das pessoas, e essas à vida do pesquisador, de uma forma talvez mais intrusiva do que se o contato fosse *offline*. Assim, pesquisas etnográficas virtuais podem sim compartilhar daquela tensão a que Whyte referiu-se como uma inextrincável associação entre vida pessoal e pesquisa. E se em Whyte testemunhamos as implicações disso quando, por exemplo, ele jogava boliche com os rapazes da esquina, saía com uma garota de Cornerville, e mesmo levava adiante uma manifestação pela instalação de água quente nos banheiros do bairro, em etnografias virtuais o envolvimento pode se dar quando o pesquisador é chamado para ajudar a administrar a comunidade virtual - como ocorreu com Silva (2008) e a sua etnografia na rede social Orkut -, ou ainda quando o pesquisador precisa reforçar a seus pesquisados que está ali somente para a pesquisa - como em Zago (2013), que pesquisando redes sociais para encontros sexuais entre homens gays se viu diante de insinuações não-acadêmicas -, ou também, como aconteceu recentemente em meu campo, quando seus entrevistados te rastreiam pela rede e vêm comentar sobre dados seus que você mesmo havia esquecido existir publicamente e que de modo algum se relacionam com a pesquisa. Isto é, as fronteiras no virtual entre vida pessoal e pesquisador de

um lado, e de outro pesquisa e pesquisados, pode ser tão confusa quanto nas etnografias não-virtuais; um reforço, pois, da validade daquele alerta dado por Whyte. A relação do pesquisador com seu campo e seus sujeitos será sempre uma questão a ser considerada.

No anexo, Whyte ainda reflete sobre a inserção em campo e quão importante é encontrar os canais certos. O que ele acabou descobrindo, e também reforçando o que hoje é um mantra para aqueles que desejam conseguir acesso a um grupo, é que existem indivíduos que podem abrir as portas. "Durante meu período em Cornerville, aprendi bem rapidamente a importância crucial de ter o apoio dos indivíduos-chave de qualquer grupo ou organização que eu estudasse."(WHYTE, 2005, p. 301). E, por outro lado, descobriu que uma vez dentro é preciso ter conversas que às vezes não parecem conversas relacionadas à pesquisa, e que saber usar das perguntas em campo significa, às vezes, não perguntar. Uma vez mais temos pontos que não precisam de conversão ou muita adaptação para pesquisas contemporâneas, mesmo para uma etnografia virtual. Comunidades virtuais, independente da plataforma sobre a qual funcionam, quase sempre possuem administradores; estes podem ou não controlar pessoalmente quem participa da comunidade, mas estão lá e são vistos, afinal, como administradores, sendo pois indivíduos-chaves dos quais o apoio pode ter aquela importância crucial. E pesquisas virtuais recentes, como de Facioli(2013), mostram como é difícil participar de discussões em fóruns virtuais somente como um observador pois, a certa hora, será cobrado, com intensidade variada, que o pesquisador contribua com algo e entre numa interação que pode ir além da norma burocrática de um pesquisador e seu objeto; é preciso, afinal, ter as conversas que de repente não são relacionadas à pesquisa em si. E por outro lado, a advertência de Whyte sobre saber o que perguntar e o que não perguntar é aquele tipo de recado ao bom senso de pesquisador que parece ser inerente antes à atividade da pesquisa do que ao objeto(virtual ou não); algo, pois, plenamente válido independente da pesquisa que se faça.

O anexo em que Whyte explica suas peripécias em campo vai do elucidativo ao divertido, e outros pontos poderiam ser trazidos aqui. Detive-me nos de acima por crer que tocam em pontos mais gerais e constantes em trabalhos etnográficos, e espero ter mostrado que não importa tanto se a etnografia foi de ontem, de hoje, ou se no virtual. São questões que a Escola de Chicago já vinha sugerindo e

insinuando, e que em *Sociedade de Esquina* adquirem o tónus de um trabalho empírico bem feito e representativo. Ouso sugerir, pois, que a reflexão que fiz até aqui se encaixa mesmo na razão do próprio Whyte em escrever tal anexo.

Não sugiro que minha abordagem em *Sociedade de esquina* precisa ser seguida por outros pesquisadores. Em alguma medida, ela deve ser única, para mim mesmo, para a situação particular e para o universo de conhecimentos que existia quando comecei o trabalho. Por outro lado, deve haver alguns elementos comuns no processo de pesquisa de campo. Somente à medida que acumularmos uma série de relatos sobre como a pesquisa foi efetivamente realizada seremos capazes de ir além do quadro lógico-intelectual e de aprender a descrever o processo real de investigação. O que se segue, portanto, é simplesmente uma contribuição na direção desse objetivo.(WHYTE, 2005, p. 284).

E dentro do que pode haver de comum no processo de pesquisa de campo, mesmo que o campo seja em mídias digitais, Whyte e a sua carga da Escola de Chicago são certamente úteis e pertinentes nas pesquisas etnográficas atuais.

DO LEGADO DE CHICAGO À INTERAÇÃO

Creio na relativa continuidade e portanto unidade entre Escola de Chicago e Interacionismo Simbólico, e muitos autores vêm reforçar isso. Para Coulon(1995), se podemos delimitar o fim da Escola de Chicago a partir da Segunda Guerra Mundial, quando Talcott Parsons assume a dianteira do que seria a sociologia norte-americana nas décadas seguintes, o viés qualitativo da Escola se perpetuou e assim poderíamos pontuar uma segunda Escola de Chicago: ela teria a marca do Interacionismo Simbólico e também de Goffman como seu grande representante. Era a eleição da interação cotidiana dos indivíduos como foco de análise. E a influência da Escola no Interacionismo é, afinal, bem assentada.

Apesar de não direcionar suas pesquisas e reflexões na construção de uma nova abordagem teórica, o resultado do empreendimento intelectual levado a efeito pelos sociólogos de Chicago na década de 1920 forneceram elementos empíricos e teóricos que permitiram embasar determinados elementos da corrente interacionista que foi edificada e codificada num período posterior. (MARTINS, 2013, p. 231).

Podemos mesmo falar de legado, e tal legado foi dado principalmente nesta nova visão da relação entre indivíduo e sociedade. Ainda com Martins(2013), era uma relação até então marcada pela separação teórica e metodológica entre as partes. Mas neste legado houve um imbricamento entre elas, trazendo dimensão

subjetiva e objetiva lado a lado. Em vez de focar o estrutural detiveram-se no processual - isto é, interações produzindo a vida social. Era uma visão que fazia do indivíduo um ator e assim as análises podiam debruçar-se na interpretação desses indivíduos em cada situação vivida; isto implicava considerar o tempo e o espaço da interação, isto é, contextos, situações e relações. Em realidade, acredito, podemos mesmo pensar numa continuidade entre Escola de Chicago e Interacionismo Simbólico, não só em termos de origem mas na própria perspectiva adotada; ou seja, desde Mead, influência na Escola, há a percepção crescente de que o indivíduo produz sentidos através da interação.

E por que resgatar o Interacionismo Simbólico? Acredito, como será melhor discutido adiante, que ele cumpre outro papel fundamental e atemporal nas pesquisas, mesmo quando estas versam sobre um objeto dado no virtual, como é o caso de meu objeto que aqui menciono e exemplifico a todo instante. Antes, porém, é preciso definir mais acuradamente o que se entende por Interacionismo Simbólico e quais autores lhe dão um corpo mínimo.

APROFUNDANDO A BUSCA DE SENTIDOS COM O INTERACIONISMO SIMBÓLICO

Acredito que uma útil caracterização do Interacionismo Simbólico e suas origens vem uma vez mais com Martins(2013).

Herbert Blumer, um ex-aluno de George Herbert Mead, que integrava também esse grupo de docentes[herdeiros de Chicago num contexto já de perda de prestígio], assumiu a tarefa de sistematizar e codificar o legado intelectual de determinados aspectos do trabalho realizado pelos pioneiros do Departamento de Sociologia[de Chicago] na década de 1920. Nesse sentido, destacou as significativas contribuições dos seus trabalhos para compreender a capacidade criativa da atividade humana diante do mundo social, a dimensão autorreflexiva utilizada pelos indivíduos diante das situações sociais, o incessante aspecto interpretativo realizado pelos indivíduos durante os processos interacionais, a orientação de inserir a análise do comportamento humano num tempo e espaço específico como condição *sine qua non* de sua inteligibilidade e integrou essas orientações que se encontravam subjacentes no trabalho desenvolvido pelo Departamento de Chicago, num *corpus* teórico designado por ele em 1937 de *interacionismo simbólico*, que a partir de então se expandiu, diversificou-se internamente e integrou-se ativamente no panorama metodológico e teórico das ciências sociais contemporâneas.(MARTINS, 2013, p. 235).

O que temos, pois, é uma síntese do surgimento do Interacionismo Simbólico vindo da Escola de Chicago, e, ao mesmo tempo, alguns de seus elementos

analíticos cruciais, como a pressuposição da criatividade humana, a autorreflexividade dos indivíduos quando em interação, a interpretação constante destas interações, e a preocupação em delimitar o tempo e o espaço como balizas para a compreensão do comportamento humano. Gadea(2013) reforçará outros aspectos que são igualmente cruciais: os símbolos de uma interação social não são universais, e os significados são individuais e subjetivos. "Algo assim como considerar que quando os papéis que participam numa determinada situação são diferentes, muito provavelmente a visão que tem uma pessoa do que está acontecendo é bastante diferente da de outra pessoa."(GADEA, 2013, p. 247). Vemos que o Interacionismo Simbólico amplia o próprio modo de interpretar uma situação social pois é como se aprofundasse a busca de sentidos. Não estão dados nem são universais; trata-se de percebê-los no processo de uma interação.

De um modo mais simples e menos detalhado do que os autores anteriores, mas ainda assim igualmente preciso, Howard Becker(1977) reforça o que é o Interacionismo Simbólico e seu diferencial. Explica, pois, que ele e outros pesquisadores, que vieram desse prosseguimento da Escola de Chicago no pós-guerra, não ligavam para rótulos disciplinares. Eles se preocupavam antes em alcançar uma profunda compreensão da sociedade por meio de uma observação que fosse intensiva e prolongada, e interior às atividades sociais. No fundo, como ele admite, é a visão da sociedade como ação coletiva, e que isto implica descartar leituras que buscam estruturas ou mecanismos abstratos como responsáveis absolutos por tudo no campo social; ao invés, se propunha a simples noção de que pessoas fazem coisas juntas. A expressão empírica desta noção está em seu trabalho sobre os desviantes, do qual retiro pequena citação como ilustração.

[...] grupos sociais criam o desvio ao *fazer* as regras cuja infração constitui o desvio e ao *aplicar* essas regras a pessoas particulares e *rotulá-las* como marginais e desviantes[...] O desviante é alguém a quem aquele rótulo *foi aplicado* com sucesso; comportamento desviante é o comportamento que *as pessoas rotulam como tal*.(BECKER, 1977, p. 60, grifos meus).

O destaque aos verbos, me parece, sintetiza a expressão do Interacionismo Simbólico. Ou seja, o foco está no evento/situação como algo que acontece, que é feito - aplicado, rotulado - e no qual podemos localizar os indivíduos ali dentro e agindo conjuntamente, e não as consequências de uma estrutura rígida que se impõe.

É este foco que temos muito sutilmente em Erving Goffman(1995). Quando

ele comenta sobre a importância da primeira impressão que um indivíduo causa e como dela se projetará uma *definição de situação* (isto é, a significação de um contexto particular), adverte a seguir que a quebra de coerência nesse momento gerará uma anomia no "minúsculo sistema social da interação face a face[...]"(GOFFMAN, 1995, p.21). Ora, o que parece uma descrição excessivamente preocupada com um ato corriqueiro, banal, de nosso dia a dia, é na verdade a elevação desta interação face a face a um *minúsculo sistema social*, é a elevação, pois, da própria interação como algo a ser dissecado e problematizado. Durante a obra de Goffman temos a impressão de que ele se preocupa em definir coisas absolutamente gratuitas. Assim acontece com o conceito de desempenho: "toda atividade de um determinado participante, em dada ocasião, que sirva para influenciar, de algum modo, qualquer um dos outros participantes."(Ibid, p. 23). Ou ainda com o de papel social: "a promulgação de direitos e deveres ligados a uma determinada situação social."(Ibid, p. 24). Aquela impressão de gratuidade, entretanto, perde força se nos permitimos operar com essas definições em nosso dia a dia e distorcê-las em casos limites, como que testando suas possibilidades e consequências na realidade. Este exercício conduz a conclusão de que, em fato, Goffman expressa muito sutilmente um viés teórico. É também a expressão do Interacionismo Simbólico.

Diferente da Escola de Chicago que ficou em nossa memória sociológica principalmente pela inauguração de um novo vigor da sociologia qualitativa e por isso visualizamos mais claramente seu legado em pesquisas posteriores, o Interacionismo Simbólico, de personalidade mais teórica e propositiva, mais delimitado em sua perspectiva e talvez marcado antes pelo viés analítico que propõe do que propriamente por metodologias específicas, talvez cause maior dificuldade a empreitada de localizá-lo em pesquisas atuais, e mesmo em pesquisas como aquela que proponho, ou seja, etnografias com mídias digitais. A desconfiança que levanto é de ser o Interacionismo Simbólico menos moldável do que a Escola de Chicago. Entretanto, compartilho da visão que tal escola é mais incorporada do que notamos num primeiro momento²², o tipo de incorporação que também tende a não resultar em expressas menções em trabalhos acadêmicos.

²² Por exemplo, Gadea(2013) crê que perspectivas anti-deterministas e anti-reducionistas, e que prezam pelo questionamento de significados, das hierarquias e das narrativas, são tributárias do Interacionismo Simbólico e seu enfoque no trânsito de significados e símbolos. Seria o caso, resumidamente, de todo o desconstrutivismo pós-moderno.

Se partimos da proposta de Becker(1977) de simplesmente observar que as pessoas fazem coisas juntas e não há nada além desse fazer conjuntamente, temos aí uma grande abertura para que várias pesquisas possam ser interacionistas. Ou mesmo se lembramos da dedicação de Goffman(1995) em definir essas coisas tão corriqueiras de nossas relações diárias com outras pessoas, podemos concluir que todo trabalho que se pergunte ou que se preocupe em notar como as pessoas se relacionam entre si, serão trabalhos que parecem compartilhar algo com este viés interacionista. Mas mais do que ser algo que simplesmente se encaixa em diversas pesquisas contemporâneas, o Interacionismo Simbólico abre possibilidades analíticas quando aplicado a casos particulares; quando se assume a autorreflexividade do sujeito e que as interações estão sendo constantemente interpretadas pelos indivíduos(MARTINS, 2013), e que símbolos não são universais e que os sentidos variam conforme variam os indivíduos(GADEA, 2013), temos um outro modo de encarar nossos objetos. Um modo muito particular e que pode revelar níveis até então ocultos de um objeto de pesquisa. Inclusive, insisto, quando aquela interação e suas trocas de símbolos e sentidos se dá no ambiente virtual de uma mídia digital.

GOFFMAN PARA ALÉM DA CONCRETUDE E DA PRESENÇA FÍSICA

Para ilustrar o que entendo como aquele outro modo de encarar o objeto que o Interacionismo Simbólico pode proporcionar, nesta última parte do texto aprofundo o uso do meu próprio objeto de pesquisa como exemplo, e o faço sob a luz de Goffman e a sua obra *A representação do eu na vida cotidiana*. Contudo isso exige começar já de uma ressalva. Basicamente, como é que podemos sugerir o viés interacionista goffmaniano num objeto em que as interações existem mediadas por um computador?

A preocupação não é gratuita. Goffman(1995) diz que seu livro seria como um manual de estudo da vida social de "qualquer estabelecimento social concreto[...]"(GOFFMAN, 1995, p. 09). Ou ainda, noutra parte, esclarece que por interações entende "a influência recíproca dos indivíduos sobre as ações uns dos outros, quando em presença física imediata."(Ibid, p. 23). Temos, pois, dois desafios evidentes para qualquer objeto que exista no virtual e no qual as pessoas interajam tão somente através de computadores e em locais não-concretos(como um site, um

fórum, uma rede social, um software, etc): não há concretude, não há presença física imediata. Para alguns autores, porém, isso não significa um entrave para pensarmos as relações virtuais em termos goffmanianos.

Adriana Braga(2008) recupera um pesquisador inglês que já em 1995 pensava as comunicações mediadas por computador tomando Goffman como inspiração.

Pode ser argumentado que CMC[comunicação mediada por computador] não é interação no sentido goffmaniano. Goffman[...] dá uma série de requisitos para que haja interação. Alguns, como sinais que informam os emissores que está havendo recepção, ou sinais que anunciam que um canal está sendo buscado ou que um canal está aberto, não estão presentes na Web. Entretanto, as páginas de Web são feitas para serem lidas pelos outros, frequentemente incentivam comentários, podem ser interativos de várias maneiras, e quase sempre têm um endereço de e-mail para contato. Eu diria que elas são parte de um sistema interativo, embora de um tipo muito restrito. (MILLER *apud* BRAGA, 2008, p. 92).

O ponto é perceber que há sim possibilidades investigativas no *virtual* seguindo a perspectiva interacionista mesmo que seja uma interação de outro tipo. Baym(2013) ressalta que um dos eixos teóricos de Goffman é o indivíduo que desempenha diariamente diferentes papéis, o que é muito conveniente para pensarmos a internet e os múltiplos perfis que é possível construir no acesso a sites, *blogs* e redes sociais. Ao que acrescento ser mesmo algo tão comum que sequer nos damos conta; o simples fato de termos um e-mail pessoal e outro profissional já é a expressão disso que Baym chamava a atenção e lhe remetia a Goffman. Baym nota ainda que assim como nas interações face a face, nas interações mediadas por computadores também há uma tentativa de manipular o que os outros pensam de nós - e que será tão eficaz conforme permita a plataforma onde a interação ocorre e também de acordo com as habilidades daquele que a manipula. E que assim como no face a face há discussão de Goffman(1995) sobre aquilo que expressamos de modo governável(controlável) e não-governável(não-controlável), o mesmo, de acordo com Baym, está posto nas comunicações virtuais, inclusive mais problemático já que ali são menos os sinais que podemos manejar.

Nós sempre formamos impressões que vão além do que os outros intencionalmente apresentaram com os fornecidos sinais de apresentação do eu. A questão é que, em ambientes com poucos sinais[possíveis], pedaços de informação muito pequenos, que muitas vezes não tinham a intenção de informar sobre o eu, podem se tornar incomumente influentes(BAYM, 2013, p.

120, tradução nossa)²³.

Acrescento que isto é o que sentimos, por exemplo, ao escrever um e-mail ou qualquer outra comunicação de que só dispomos do texto, e que tememos ser mal interpretada - é a consciência do risco, seja por uma palavra mal posta, uma frase mal elaborada, ou ainda o uso de uma pontuação dúbia. Também notamos isso com o receio de que nossa escrita em seu estilo e escolha dos termos revele algo sobre nós mesmos e que não gostaríamos - como, eventualmente, a dificuldade com o idioma, ou a não-familiaridade com um gênero textual.

Porém se o uso de Goffman(1995) é possível nas interações virtuais, mediadas por computadores, é preciso tomar cuidados e precauções. Ou, simplesmente, perceber que é preciso pensar caso a caso as particularidades daquele tipo de interação a qual se pretende fazer goffmaniana. É o que Braga(2008) vem reforçar quando nota que os conceitos de Goffman(1995) de palco e bastidores apesar de úteis para pensar os espaços na internet - no caso, a autora se referia à sua pesquisa num *blog* - precisam ser reconsiderados sob a nova dinâmica que a relação público e privado adquire na internet; isto é, o espaço de exposição e performance(palco), e aquele onde se constrói as representações(bastidores), têm que ser problematizados partindo da situação típica das relações virtuais onde as fronteiras do que é privado e do que é público tornam-se embaçadas.

Deste modo, pensando e concordando com tais autores, creio que o uso de Goffman e seu *A representação do eu na vida cotidiana* para estudar as interações ocorridas no virtual são viáveis. E mais do que viáveis, possibilitam desdobrar níveis analíticos que de outro modo permaneceriam ocultos. Meu objeto é, pois, uma comunidade virtual. Nela homens heterossexuais, jovens em sua maioria, se reúnem para trocar supostas técnicas e métodos para sedução de mulheres. O domínio dessas técnicas e métodos credencia o chamado *artista da sedução*. E ali, enquanto alguns querem ser o tal artista, outros falam de um lugar assumido, ou pressuposto, como sendo o lugar do *artista da sedução*. Mas como é que esse homem pode fazer-se *artista da sedução*? Como é que ele pode arvorar-se nessa alcunha? Como que um local virtual, logo sem nenhum, ou pouco frequente, conhecimento pessoal e

²³ "We always form impressions that go beyond what others intended to present with the self-identifying cues provided. The point is that, in reduced cue environments, very small pieces of information, which were often not intended to be sources of information about the self, can become inordinately influential."(BAYM, 2013, p. 120).

físico de seus participantes, pode estar servindo para que alguém possa ser visto e aceito pelo coletivo como um *artista da sedução*? É onde o viés interacionista, inspirado particularmente em Goffman(1995), vem a contribuir enormemente. O interesse deste autor em sua referida obra está no que chama de *problemas dramáticos*, isto é, as técnicas e contingências da tentativa dos indivíduos em controlar as impressões que causam. Por este viés torna-se compreensível, por exemplo, o porquê daqueles homens usarem do que chamam de *relato de campo*, isto é, narrativas de como, quando, de que jeito, e com quais resultados, aplicaram as técnicas de sedução em uma mulher de carne e osso - dos quais a maioria são narrativas de sucesso na sedução. Ou ainda quando escrevem o que chamam de *artigos* sobre algum aspecto da sedução e invocam a sua própria experiência e vivência como argumentos de credibilidade. Ou ainda quando se apressam em criticar os *relatos* e *artigos* de outros, seja por reconhecer ali falhas na condução da sedução, seja por haver indícios de alguém que ainda não domina a *arte da sedução*. Isto é, pensar que todo o texto ali circulante pode estar engendrando um *problema dramático* é, no mínimo, interessante: tentativas de controle sobre as impressões que causam.

O Interacionismo Simbólico é, às vezes, associado ao indivíduo, ao micro, ao particular, talvez pelo vício de pensá-lo em contraste com teorias macrossociológicas. Mas Goffman(1995) e a sua generalidade teórica possibilitam articular o viés interacionista em dinâmicas mais coletivas, mesmo que partindo da interação como questão central. É o que ele de certa forma possibilita quando fala dos *bastidores*, conceito já mencionado anteriormente. Este seria um lugar onde se sabe que a impressão pretendida será contrariada. "É aqui onde se fabrica laboriosamente a capacidade de uma representação expressar algo além de si mesma. Aqui é onde as ilusões e impressões são abertamente construídas."(GOFFMAN, 1995, p. 106). É, pois, o lugar onde acontece aquilo que se esconde do público. A parte coletiva do conceito está nos próprios termos que Goffman frequentemente usa, como plateia e público. Logo, não é nenhuma violência conceitual entender que a comunidade virtual dos *artistas da sedução*, que tem lugar em um fórum na internet, pode ser os *bastidores* para as ilusões e impressões que aqueles homens pretendem, e que terá como público as mulheres. Ali é um espaço masculino onde se espera que as mulheres a serem seduzidas não participem; ali os homens podem discutir *como* tornar-se um *artista da sedução*; ali

eles podem refletir sobre as dificuldades do caminho e como, até pouco tempo atrás, eles eram exatamente o avesso do *artista da sedução*, isto é, sujeitos tímidos, introvertidos, inseguros; ali, afinal, é o espaço onde a timidez pode ser exposta, então discutida, e supostamente trabalhada rumo a sua superação consciente, uma etapa/requisito até chegar ao status de *artista da sedução*. Ou seja, se adotamos a perspectiva interacionista de assumir o olhar do indivíduo e suas tentativas de controlar as impressões que causam, isto pode adentrar em uma etnografia de modo a analisar não só estes indivíduos mas também as relações gerais que estabelecem e formam um quadro social. Neste caso, um quadro social *virtual*, um grande *bastidor* frequentado e vivido por telas de computador, onde homens encontram parceiros para suas representações.

Mas Goffman(1995) ainda oferece uma outra grande possibilidade investigativa. Ele nega a tendência em buscar as interações como simples manipulação do real, como se os indivíduos então criassem falsas realidades. Nesta negação ele permite que seja problematizada toda manipulação para além da verificação se ela é ou não real. O ponto, e este é um interessantíssimo movimento sociológico, é notar que "as impressões alimentadas pelas representações coletivas estão sujeitas a rupturas", de onde a pergunta central é "'quais os meios pelos quais uma dada impressão pode ser desacreditada?'"(GOFFMAN, 1995, p. 66). Daí que é na encenação, entre sinais e informações, que o olhar pousará, mesmo que evidentemente falsa: o que importa são os recursos usados para manter a impressão pretendida. Percebo aqui um olhar muito importante para meu trabalho com os *artistas da sedução*. Sugere que não é importante descobrir se esses homens são o que dizem ser, se conquistam tantas mulheres quanto relatam conquistar. Pelo viés do interacionismo goffmaniano eu problematizo antes a importância dos recursos, os meios pelos quais um homem tenta manter a impressão de ser um pleno e bem sucedido *artista da sedução*. O Interacionismo Simbólico, então, abre portas e as complexifica: não é o simples saber de que são ou não *artistas da sedução*, mas sim como são o que dizem ser e quais as estratégias mobilizam para ser o que dizem ser. E se este *como* e aquelas *estratégias* são virtuais, isto é, pautadas numa dinâmica de relacionamentos mediados por computador, circunscritos em monitores, não me parece um problema, senão mesmo uma variável que enriquece a análise sociológica deste objeto.

CONCLUSÃO

Este trabalho teve como intenção discutir a pertinência de escolas sociológicas do século passado para a pesquisa etnográfica atual e desenvolvida em mídias digitais. Uma escolha temática que revela a inquietação deste pesquisador frente a seu objeto; a impressão que se tem é que quando o objeto traz palavras como internet e virtual, e expressões como comunicação mediada por computadores, é preciso achar mirabolantes e inéditos métodos de pesquisa e teorias sociológicas. Algo que espero ter sido descartado durante este trabalho. Escolas/teorias sociais da primeira metade do século passado ainda nos dizem algo, e talvez venham nos dizendo mesmo que não notemos isso.

A Escola de Chicago é particularmente difícil de desvincular de um grande número de pesquisas atuais. Seu empirismo, a sua temática urbana, a sua aproximação ao indivíduo, a exaustiva observação participante: marcas que sugiro já atemporais para muitos trabalhos sociológicos - mas que certamente precisaram da Escola para chegar a tal patamar. *Sociedade de Esquina* é o exemplo maior de uma etnografia ao sabor de Chicago e também um exemplo de etnografia que se basta em si só - não precisa de um rótulo ou adjetivo. Nela percebemos que os dramas que assolam pesquisas etnográficas atuais - como inserção no campo e relação com os sujeitos de pesquisa - não têm nada de atuais e que podem sim ser transplantadas para as etnografias virtuais gerando ali profícuas reflexões.

O Interacionismo Simbólico, tomado com um desdobramento da Escola de Chicago, só faz reforçar toda uma contribuição atemporal para pensar empiricamente nossos objetos de pesquisa. A simples aceção de que devemos notar que as pessoas fazem coisas juntas, ou ainda de que o corriqueiro em nossas interações tem um sentido a ser desvendado, é um aprofundamento tão grande pela busca de sentidos a partir das interações que, acredito, seu descarte teria que exigir uma explicação argumentada. Nestes termos, *A representação do eu na vida cotidiana* se mostra de uma extrema fertilidade. Com ela podemos lançar luz sobre níveis analíticos que, de outro modo, permaneceriam ocultos - como o sair da busca pela verdadeira representação e atentar para as estratégias que a representação mobiliza. A obra, contudo, se aplicada a etnografias virtuais deve ser ponderada; se é fértil, é também localizada sobre eixos que lhe foram cruciais em seu surgimento - como a presença física - o que reforça seu uso com comedimento e reflexão.

Deste modo, acredito que guiar uma etnografia atual e desenvolvida em mídias digitais tem como necessidade ponderar as diferenças que lhe são inevitáveis. Relações sociais e fenômenos sociológicos quando permeados por computadores e virtualidades não podem ser alvos de um ingênuo enquadramento em teorias que sequer podiam avistar um quadro tecnológico feito este. Entretanto, cair no extremo da negação *a priori* do uso de teorias e métodos antigos no pensar deste objeto virtual, seria um desperdício de páginas e *insights* valiosos da história da Sociologia. Assim é que Escola de Chicago e Interacionismo Simbólico, *Sociedade de Esquina* e *A representação do eu na vida cotidiana*, ilustram saberes hoje diluídos no fazer sociológico, em especial o etnográfico, e que permanecem plenamente ricos para objetos atuais(e virtuais).

REFERÊNCIAS

- AMARAL, Adriana. Etnografia e pesquisa em cibercultura: limites e insuficiências metodológicas. In: **Revista USP**, São Paulo, n. 86, p 122-135, jun/ago 2010. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/revusp/article/download/13818/15636>>. Acesso em: 24 mar. 2014.
- BAYM, Nancy K. **Personal connections in the digital age**. Malden: Polity Press, 2013.
- BECKER, Howard. A escola de chicago. In: **Mana**. Rio de Janeiro, n. 2, vol. 2, Out. 1996.
- _____. **Uma teoria da ação coletiva**. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.
- BRAGA, Adriana. **Personas materno-eletrônicas**: feminilidade e interação no blog Mothern. Porto Alegre: Sulina, 2008.
- COULON, Alain. **A escola de chicago**. Campinas, SP: Papyrus, 1995.
- FACIOLI, Lara Roberta Rodrigues. **Conectadas - Uma análise de práticas de ajuda-múta feminina na era das mídias digitais**. 2013. 161f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - UFSCar, São Carlos, 2013.
- GADEA, Carlos A.. O Interacionismo Simbólico e os estudos sobre cultura e poder. **Soc. estado.**, Brasília, v.28, n.2, Ago. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69922013000200004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 04 Mar. 2014.
- GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 1995.
- MARTINS, Carlos B. O legado do departamento de sociologia de Chicago(1920-

1930) na constituição do interacionismo simbólico.In: **Soc. estado.**, Brasília, v.28, n.2, Ago. 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/se/v28n2/v28n2a03.pdf>>. Acesso em: 04 Mar. 2014.

MISKOLCI, Richard. Novas conexões: notas teórico-metodológicas para pesquisas sobre o uso de mídias digitais.In: **Cronos**, Natal, n. 2, p. 09-22, jul./dez. 2011. Disponível em: <<http://ufrn.emnuvens.com.br/cronos/article/view/3160/pdf>>. Acesso em: 08 abr. 2014.

SILVA, Caroline Parreiras. **Sexualidades no pontocom: espaços e homossexualidades a partir de uma comunidade on-line.** 2008. 248 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Unicamp, Campinas, 2008.

TURKLE, Sherry. **A vida no ecrã - a identidade na era da internet.** Lisboa: Relógio D'Água Editores, 1997.

WHYTE, William Foote. **Sociedade da esquina:** a estrutura social de uma área urbana pobre e degradada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

ZAGO, Luís Felipe. **Os meninos – Corpo, gênero e sexualidade em e através de um site de relacionamentos.** 2013. 331 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.